

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO PARA PESSOAS AUTISTAS

## STORYTELLING AS A LITERACY TOOL FOR AUTISTIC PEOPLE LA CUENTA DE HISTORIAS COMO HERRAMIENTA DE ALFABETIZACIÓN PARA PERSONAS AUTISTAS

Marcos Mauricio Gondim Gomes <https://orcid.org/0000-0002-3085-1055><sup>1</sup>

Cilene Nascimento Canda <https://orcid.org/0000-0002-1792-079X>

### RESUMO

Este artigo traz resultados de uma pesquisa baseada na revisão de artigos científicos sobre a contação de histórias para crianças e pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Os dados levantados foram coletados na plataforma do Google Acadêmico, observando o espaço temporal de publicação dos artigos a partir de 2020. O objetivo geral é pensar como trabalhar a contação de histórias para pessoas com TEA. E como objetivo específico pretende-se identificar maneiras e formas de se trabalhar a contação de histórias para pessoas com TEA e desenvolver técnicas para trabalhar a contação de histórias para pessoas com TEA. Os resultados preliminares desta pesquisa nos levam a perceber as vantagens didáticas e as diversas possibilidades de se trabalhar a contação de histórias com crianças e pessoas com TEA como forma de fomentar a comunicação, além de aquisição de vocabulário.

**Palavras chave:** Autismo; Educação; Contação de Histórias. Formação docente.

### ABSTRACT

This article presents the results of research based on the review of scientific articles on storytelling for children and people with ASD (Autism Spectrum Disorder). The data collected was made on the Google Scholar platform, observing the time for publishing articles from 2020 onwards. The general objective is to think about how to work on storytelling for people with ASD. And as a specific objective, we intend to identify ways and means of working on storytelling for people with ASD and develop techniques for working on storytelling for people with ASD. The preliminary results of this research lead us to realize the didactic advantages and the different possibilities of working on storytelling with children and people with ASD as a way of promoting communication, in addition to vocabulary acquisition.

**Keywords:** Autism; Education; Storytelling. Teacher training.

### RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de una investigación basada en la revisión de artículos científicos sobre narración de cuentos para niños y personas con TEA (Trastorno del Espectro Autista). Los datos recabados se recogieron en la plataforma Google Scholar, observando el marco temporal de publicación de artículos a partir de 2020. El objetivo general es pensar cómo trabajar el storytelling para personas con TEA. Y como objetivo específico pretendemos identificar formas y medios de trabajar el storytelling para personas con TEA y desarrollar técnicas para trabajar el storytelling para personas con TEA. Los resultados preliminares de esta investigación nos llevan a darnos cuenta de las ventajas didácticas y las diferentes

<sup>1</sup> Mestre em Crítica Cultural pelo programa de Pós-crítica da UNEB, pós-graduado em Educação Especial e Neurociências, graduado em Letras Vernáculas pela universidade Católica de Salvador, Ba. Membro do grupo de formação de professores do CEATEE Pestalozzi da Bahia, participante do grupo de estudos sobre TEA (Transtorno do Espectro Autista) do CEATEE Pestalozzi da Bahia.

posibilidades de trabajar la narración con niños y personas con TEA como forma de favorecer la comunicación, además de la adquisición de vocabulario.

**Palabras clave:** Autismo; Educación; Narración de historias. Formación docente.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, somente a partir da Emenda Constitucional de nº 59/2009, passa a valer a obrigatoriedade da educação infantil, impondo os Estados e municípios a oferecerem essa modalidade de ensino para as crianças de quatro e cinco anos; desta forma, o ensino regular e gratuito dos quatro aos dezessete anos de idade passou a ser direito de todos (as) (Brasil, 2016, p. 34). Posteriormente, essa obrigatoriedade foi anexada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, em 2013, que previa a matrícula obrigatória em instituições de educação infantil em todo o território brasileiro (Brasil, 2016, p. 34).

É através da LDB de 2013 e das políticas de inclusão da Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (Brasil, 2013), que as crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) passaram a ter direito a serem matriculadas, passando a integrar o corpo discente das escolas infantis. A LDB garante o direito de todos (as) à educação especial e a entende como:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) (Brasil, 2013).

Dessa forma, e entendendo-se o TEA como uma deficiência vitalícia do desenvolvimento que pode afetar os processos de comunicação e relacionamento do sujeito com outras pessoas (Battistello, 2020), e estando a pessoa com TEA incluída nos transtornos globais do desenvolvimento, faz-se necessário pensar didaticamente em como oferecer um ensino de qualidade a essas pessoas, partindo do conceito de sujeito uno, e tendo em vista que o termo Espectro foi cunhado com o intuito de individualizar cada pessoa, uma vez que cada pessoa com TEA apresenta particularidades únicas a cada um.

Trago, portanto, neste trabalho, a contação de história como mecanismo

de aprendizagem da pessoa com TEA, acreditando ser possível que trabalhando com este tipo de arte dentro das escolas e dos centros, possamos melhorar a cognição e a concentração para nossos (as) alunos (as).

Para tanto, ao pensar a contação de histórias para um grupo de crianças com alguma deficiência, faz-se necessário que o (a) professor(a), que se predisponha a exercer tal arte, tenha previamente algum preparo em educação especial.

Neste trabalho busco pensar a contação de histórias para pessoas com TEA como forma de melhorar a interação social desses (as) pessoas. Em consequência do meu trabalho no CEATEE (Centro Estadual de Atendimento a Educação Especial) Pestalozzi da Bahia, Centro que atende preferencialmente pessoas com TEA, nas suas diferentes faixas etárias, procuro a cada momento me munir de novas ferramentas e novos mecanismos didáticos que sirvam de facilitadores para respaldar um serviço de qualidade para os meus e minhas alunos (as).

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM DA PESSOA COM TEA**

Segundo Oliveira (2020), a contação de histórias é uma arte ancestral e cultural, muito forte em povos africanos e indígenas inclusive no Brasil. Portanto, é de suma importância o resgate desta arte nas academias e nas escolas de ensino regular, inclusive como mecanismo de letramento literário.

Sendo assim, pensar o lúdico através da arte da contação de histórias como uma atividade didática nas salas de aula, pode ser um mecanismo facilitador para a aquisição de novos conteúdos, até mesmo para a melhoria do vocabulário, tanto para crianças típicas, quanto para crianças com TEA.

Partindo desse conhecimento, podemos utilizar a ludicidade das brincadeiras infantis, acopladas à contação de histórias como interação para desenvolver a comunicação de crianças com TEA.

Todavia, não podemos negligenciar o papel da família na aquisição da linguagem e da formação de leitores, levando em conta, que a vida contemporânea com seus vários compromissos, fazem com que a família

transfira para a escola unicamente esse papel, sendo assim, a escola deve servir de mecanismo para incentivar a família a contar histórias para seus pequenos como forma de trazer a família para mais próximo deles (as).

Através das leituras noturnas, à beira da cama, com a intervenção do pai ou da mãe ou mesmo um cuidador, a criança passa a ter seus primeiros contatos com o mundo exterior, através da contação de histórias nossos (as) pequenos conseguem viajar para mundos encantados, familiarizar-se com novos vocábulos e ter uma melhor aproximação com seus pais e familiares, desenvolvendo afetividade e respeito. Este tipo de rotina deve ser aplicado e incentivado também para crianças com autismo.

Menegassi (apud Battistello, 2020) reforça a ideia de que é na família que se inicia o processo de aprendizagem da leitura, sendo de responsabilidade da escola dar continuidade a essa prática. Ainda segundo Battistello (2020) “é através da contação de histórias que a criança pode vivenciar experiências que estimulam o desenvolvimento de habilidades relacionadas à oralidade, à leitura e à escrita.”.

É plausível afirmarmos, assim sendo, que ao iniciar o trabalho de contação de histórias com crianças a partir dos primeiros meses de vida, passamos a oferecer um mundo de fantasias e viagens, trabalhando desta forma o lúdico e o imaginário. Portanto, a contação de histórias além de levar prazer e diversão para nossos alunos, ainda contribui com a aquisição de vocabulário trabalhando inclusive a parte neurosensorial.

Por isso, são importantes, no período de zero a seis anos, a qualidade e a frequência de experiências desafiadoras e lúdicas com vistas ao letramento e à exposição ao mundo letrado. O potencial de desenvolvimento de determinadas habilidades por parte das crianças será “muito restrito se suas experiências acontecerem em ambientes pouco letrados ou se as experiências ocorrerem em condições precárias para o desenvolvimento do letramento emergente” (Semeghini-Siqueira, 2011, p. 157).

O trabalho de letramento e aquisição da linguagem partindo do lúdico ganha força através da contação de histórias. E essa técnica não se restringe unicamente às crianças típicas, podendo ser estendidas também às atípicas<sup>2</sup>,

---

<sup>2</sup> Crianças com desenvolvimento atípico são aquelas que têm algum comportamento fora dos padrões normais e que podem ter origens diferenciadas como deficiência intelectual e transtornos na aprendizagem (Abreu, 2006) - Pessoas neurotípicas (ou típicas) são aquelas que não possuem problemas de desenvolvimento neurológico. Podemos chamá-las também de não autistas. Já as pessoas neuroatípicas (ou

como no caso das crianças com TEA. Contudo, neste caso específico, deve ser observada a escolha das histórias a serem trabalhadas com as crianças e as pessoas com TEA. Devendo-se atentar para o conteúdo das histórias, essas devem ser curtas, com narrativas simples, preenchidas com onomatopeias e farto material ilustrativo.

Portanto, o primeiro aspecto a ser levantado para a contação de histórias para pessoas com TEA é perceber a particularidade de cada aluno (a), e desta forma buscar mecanismos que chamem a atenção das crianças com TEA na hora da contação de histórias.

A publicação *Contação de histórias* (2019), feita por um site especializado em educação especial, traçou alguns caminhos que funcionam como facilitadores na hora da contação de histórias para crianças com TEA. Apresentamo-los abaixo, com comentários.

Aproveite os interesses do aluno como ponto de partida da história. Na minha prática como professor de AEE, observo os interesses restritos de meus alunos (as) por objetos ou animais, por exemplo, dessa forma, acredito que reforçamos o interesse, ainda segundo o *Contação de histórias* (2019), devemos inserir alguns desses objetos de interesse restrito na história a ser contada para nossos alunos, como carros, aviões, dinossauros, heróis de histórias infantis etc.

Outros pontos indicados em *Contação de histórias* (2019) são: não ler histórias diretamente do livro, uma vez que a atenção da criança com autismo é muito flutuante, uma das estratégias é narrar histórias usando cartões plásticos com imagens para ilustrar o que está sendo narrado. Ainda segundo o site, o uso de canções e onomatopeias é outro recurso que pode trazer êxito na contação de histórias para crianças com TEA.

O site sugere que ao contarmos as histórias para crianças com autismo, devemos exacerbar na dramatização, dando ênfase às palavras, utilizando entonações diferentes para dar personalidade a cada figura, inserir cantigas que estejam no contexto da história e imitar os sons como o tic-tac do relógio, o au-au do cachorro, entre outros tantos sons, ou seja, usar onomatopeias para ilustrar a narração e capturar a atenção das crianças.

---

atípicas) lidam com diferentes alterações relacionadas ao desenvolvimento neurológico. As pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) fazem parte do grupo de pessoas atípicas (Martins, 2022).

Desse modo, outra estratégia importante é fazer com que os (as) alunos (as) se sintam parte da dinâmica. Para isso, iniciamos a contação de história na educação especial falando sobre algum tópico da infância da própria criança com TEA. Deliberato (2021) diz que

a narração de histórias é uma atividade que deve fazer parte da rotina familiar desde a mais tenra idade dos filhos, bem como do contexto escolar, principalmente na educação infantil, fase fundamental para a aquisição e enriquecimento da linguagem.

Não é de se admirar que durante uma sessão de contação de história para crianças com TEA haja manifestações de interação e de comunicação imperceptíveis pelo interlocutor e até imprevisíveis. Portanto, se faz necessário que os narradores, se pretendem trabalhar com crianças e pessoas com TEA, estejam abertos (as) para as diversas maneiras de manifestação de comunicação tendo em vista as várias formas e habilidades inerentes a cada pessoa com TEA. Lembramos que o ato de se comunicar não acontece unicamente pela fala verbalizada e que as pessoas e crianças com TEA têm especificidades para se comunicar que necessitam ser observadas.

A intencionalidade de uma comunicação pode dar-se por meio de inúmeras manifestações e não somente por meio da fala, tais como: choro, gestos, olhar, expressão corporal, entre outras possibilidades. Tais habilidades são de suma importância, embora seja necessário um sistema de representação compartilhado no meio social, para que as pessoas possam trocar informações e expressar-se de forma mais efetiva (Deliberato, 2021).

Muitos (as) alunos (as) com TEA, não verbais, ou seja, aqueles que não conseguem verbalizar através de palavras faladas, utilizam-se de outros mecanismos para se comunicar, seja através de gestos, birras para chamar a atenção, ou comportamentos diversos, que podem consistir em apontar objetos desejados, mostrar figuras com significados diversos, utilizando-se das PECs, do inglês (*Picture Exchange Communication System*), traduzido para o português como Sistema de Comunicação por Troca de Figuras.

Como exemplo, trago a cena de um aluno que atendo e que sempre que estamos para encerrar o atendimento ele começa a fechar as janelas da sala de atendimento, pega a minha mochila, entrega-me e dirige-se para a porta. Nesse momento, sei que não mais conseguirei dar continuidade ao meu atendimento.

## PERCURSOS METODOLÓGICOS

O interesse por pesquisar a contação de histórias para pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista) se deu ao participar como aluno especial do curso de Contação de Histórias pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc), ministrado pela Professora Doutora Rosemary Lapa de Oliveira.

Atualmente trabalho no CEATEE (Centro Estadual de Atendimento em Educação Especial) Pestalozzi da Bahia, exercendo o cargo de Professor de AEE (Atendimento Educacional Especializado), atendendo diretamente pessoas com TEA. Percebi que seria de grande relevância agregar ao contexto do trabalho que já realizo na instituição a arte de contação de histórias, buscando através dessa melhorar os desempenhos dos meus e minhas alunos (as).

Segundo Alvarenga (2011), a pesquisa qualitativa se baseia no rigor científico determinado por um desenho preciso e definido a priori. O estudo que se ampara neste tipo de pesquisa explora o método indutivo, onde procura compreender as ações e atitudes dos sujeitos envolvidos no estudo, não procurando validar teorias nem generalizar suas descobertas.

Triviños (2011), corrobora afirmando que esse tipo de investigação exige participação dos próprios sujeitos investigados em sua realidade e suas próprias vivências. Neste sentido, compreende-se que nesse enfoque interessa conhecer como as pessoas pensam, sentem e agem, suas experiências, suas atitudes e crenças.

A investigação sob a abordagem qualitativa foi realizada com enfoque na análise bibliográfica de achados na internet durante os meses de junho e julho de 2022, através do aplicativo Google Acadêmico, no qual foram colhidos artigos com os descritores de contação de história + autismo, neste período foram encontrados mais de 3000 trabalhos entre Teses, Dissertações e Artigos científicos, portanto, elegi trabalhar unicamente com artigos científicos, no qual fiz nova busca e acabei por detectar 182 artigos, no entanto, ao ler os títulos pude comprovar que a maioria não dialogava com a minha pesquisa.

Ferreira (2002) define como Estado da Arte, a pesquisa de caráter bibliográfico na qual é feito um mapeamento das produções acadêmicas em diferentes campos do conhecimento, buscando trazer respostas sobre as

dimensões através de diferentes épocas e lugares, de que formas, e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de Mestrado, teses de Doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

Trata-se de uma etapa essencial em todo trabalho científico, posto que, fundamenta todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que fornece o embasamento teórico que sustentará todo o trabalho. Este tipo de pesquisa consiste no levantamento, seleção, análise, revisão de literatura e organização de informações relacionadas ao tema.

Foi indispensável, portanto, antes de iniciar a escrita do presente artigo, fazer uma investigação bibliográfica sobre o tema em questão. Cervo e Bervian (1996) afirmam que [...] a pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das Ciências Humanas.

Destaca-se ainda, que a pesquisa bibliográfica enriquece e fundamenta as pesquisas científicas, sendo importante evidenciar que este tipo de investigação proporciona ao pesquisador conhecimento sobre o tema e segurança no campo empírico, na análise dos dados e nos resultados da pesquisa.

Pretendo seguir nas minhas pesquisas através da pesquisa de campo, que segundo Triviños (2011) é uma fase realizada após os estudos bibliográficos, portanto, nesta fase o pesquisador aplica o que foi fundamentado e planejado, o que lhe permite continuar embasando o que está sendo pesquisado, para que no desenvolvimento do estudo científico possa descrever com conhecimento e veemência as situações reais e explicar as ocorrências dos fenômenos em suas respectivas causas e feitos de forma fidedigna.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao debruçar-me sobre o assunto da contação de histórias, resolvi aprofundar-me nesta arte como estratégia didática para os (as) meus/minhas alunos (as) com TEA, descortinando as várias facetas e possibilidades de trazer



esta arte milenar para o mundo dos meus/minhas alunos (as).

É plausível afirmar que a contação de história, arte que iniciei aplicando no primeiro semestre de 2022, junto a dois alunos do Centro no qual atendo como professor de AEE, sendo um rapaz de 14 anos e uma menina de treze anos, ele não verbal e ela verbal, alfabetizada, ledora, tem auxiliado na aquisição de novos vocabulários deles, novas formas de se comunicar, desinibindo-os e trazendo, através do lúdico, uma forma de comunicação.

Ao trabalhar as histórias da vida cotidiana através de imagens, pude comprovar através do trabalho feito com o aluno de sexo masculino, o não verbal, que aqui chamarei de T, como forma de preservá-lo, que ele passou a se comunicar comigo através de figuras e gestos antes não compreensíveis. Hoje ao entrar na sala de atendimento e ao cumprimentar T, dizendo: Bom dia T! peço a ele que me mostre e diga Bom dia! Obtenho como resposta ele apontando para a figura do nascer do sol fixada em uma parede da sala, que anteriormente apresentei a ele como sendo um gesto de cumprimento.

O trabalho com T iniciou com a apresentação a ele das rotinas diárias através de uma história que criei que dizia: Bom dia T! Hora de acordar! Vamos escovar os dentes! Vamos tomar café! E assim por diante.

Pretendo continua a empregar o estudo com outros (as) alunos (as), entre os verbais e não verbais. Utilizando a leitura de histórias, por exemplo, para trabalhar a cognição de alunos alfabetizados que não conseguem verbalizar o que acabaram de ler. Em um outro caso, no qual meu aluno mostra o hiperfoco em jogos de futebol, entendendo o hiperfoco como interesse restrito e pontual em um mesmo assunto, tópico ou tarefa. Portanto passei a trabalhar as narrações de futebol como forma de melhorar a concentração e a cognição.

Sendo assim, é fato que se pode trabalhar as diferentes formas de contação de histórias com crianças e pessoas com autismo, no entanto vale ressaltar que o autismo é um espectro, e portanto, devemos entendê-lo como um leque de variedade, no qual cada pessoa pode apresentar aspectos diversos e diferenciados dos demais, sendo assim, o trabalho tem que ser pensado no sujeito uno e não no coletivo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Cristina Barreto Fernandes de. **Desenvolvimento de conceitos científicos em crianças com deficiência mental**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília. Brasília, p. 114 . 2006.

ALVARENGA, Estelbina Miranda. **Metodologia da Investigação Quantitativa e Qualitativa – Normas Técnicas de apresentação de Trabalho Científico**. Tradução de Cesar Amarilhas. 2. ed.,. Assunção, Paraguai: A4 Diseños, 2011.

BATTISTELLO, Viviane Cristina Mattos; ELICKER, Ana Teresinha ; VOLMER, Lovani ; MARTINS, Rosemari Lorenz . A contação de histórias para crianças autistas. **Letras de Hoje**, v. 55, n. 3, p. e36496, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/36496>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil**: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: MEC, SEB, 2013. Disponível em: [http://www.oei.es/quipu/brasil/pol\\_educ\\_infantil.pdf](http://www.oei.es/quipu/brasil/pol_educ_infantil.pdf). Acesso em : 15 de jul 2019. BRASIL. Ministério da Educação.

CERVO, Amando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 1996.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. **7 dicas para incluir alunos com autismo**. Inclutopia , 2019. Disponível em: <https://www.inclutopia.com.br//contacao-de-historias-7-dicas-para-incluir-alunos-com-autismo/>. Acesso em: 19 de jul. 2022.

DELIBERATO, Débora ; ADURENS, Fernanda Delai Lucas e ROCHA, Aila Narene Dahwache Criado. Brincar e Contar Histórias com Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Mediação do Adulto. **Revista Brasileira de Educação Especial [online]**, Bauru, v. 27 , e0128 p.73-88, Jan.-Dez. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0128>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & sociedade** , v.23, p. 257-272, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 19 jul. 2022.

MARTINS, Yasmine. **Diferenças entre os termos neurotípico, neurodiversidade e neuroatípico**. Autismo e realidade, 2022. Disponível em:<https://autismoerealidade.org.br/2022/07/29/diferencas-entre-os-terminos-neurotipico-neurodiversidade-e-neuroatipico/> Acesso em: 19 de jul. 2022.

MENEGASSI, José Renilson (org). **Leitura e ensino**. Maringá: EDUEM, 2005, p. 15-44.

MENEZES, Luiza Campos; AMORIM, Kátia de Souza Para além dos déficits: interação e atenção conjunta em crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 3, p. 353-364, 30 set. 2015.

NUNES, Débora Regina de Paula e WALTER, Elizabeth Cynthia Processos de Leitura em Educandos com Autismo: um Estudo de Revisão. **Revista Brasileira de Educação Especial** [online], Marília, v. 22, n. 4, p. 619-632, out.-dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/GwGTF5VwzrfQSqbVWgYsNSc/abstract/?lang=pt> Acesso em 19 jul. 2022

OLIVEIRA, Rosemary Lapa ; SANTOS, Luciene. S. A Constituição do sujeito leitor pela via da contação de histórias. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 29, n. 2, p. 229- 248, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8927>. Acesso em: 19 nov. 2023.

SANTIAGO, Helena de oliveira; JUNG, Hildegard Susana. A Contação de histórias para um aluno no espectro autista em tempos de pandemia: um relato de experiência. In: HORA DE EMPREENDEDOR: COLÓQUIO EDUCAÇÃO, 2021, Canoas, Rio Grande do Sul. **Anais** [...]. Canoas, Rio Grande do Sul: Editora Unilasalle, 2021. v. 1. p. 8-11. Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/84a7b6192630f34d407557da429abc d5.pdf>. Acesso em: 19 de jul. 2021.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméia. Recursos educacionais apropriados para recuperação lúdica do processo de letramento emergente. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.92, n.230, p.157 , jan/fev. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.